BOLETIM
DA
SOCIEDADE PORTUGUESA
DE
CIÊNCIAS NATURAIS

VOL. XIV 2.ª SÉRIE

(Volume concernente ao Simpósio de Taxonomia Botânica, realizado em Outubro de 1971 sob o patrocínio da S.P.C.N. e subsidiado pelo Instituto de Alta Cultura)

LISBOA
1972

Bolm Soc. port. Ciênc. nat. 14: 7-12, 1972

IN MEMORIAM

Ruy Telles Palhinha

por A. QUINTANILHA [1]

Conhecia, de tradição, o Professor PALHINHA, desde longa data, como açoriano ilustre. Tinha-o encontrado casualmente, em Lisboa, duas ou três vezes. Mas foi no verão de 1915 que comecei a conviver mais de perto com ele. Tinha passado quase todo o ano lectivo na Galiza, em casa de uma família amiga, por motivos de ordem política. No começo do verão regressei a Portugal e fui passar umas curtas férias com a família aos Açores, de onde sou natural. Lá adoeci gravemente, e tive que vir para Lisboa para ser tratado. Fui internado no Hospital de S. José, como estudante de medicina, e operado pelo Dr. SANTANA LEITE.

Um dia, durante a convalescença, apareceu-me o Prof. PALHINHA e tivemos uma longa conversa. Expus-lhe a minha situação. Era estudante de medicina há três anos já, mas não sentia vocação para a vida clínica. Tinha sido aluno de CELESTINO DA COSTA, MARK ATHIAS e ANÍBAL BETENCOURT, cujo ensino me entusiasmou, mas o que me interessava verdadeiramente eram os trabalhos de laboratório e a investigação científica. Além disso, vivia de explicações e o curso médico ocupava-me muito tempo. PALHINHA ouviu-me, com toda a atenção, e no fim disse-me assim: «Olha lá, porque não mudas tu de curso? Forma-te em biológicas, que é um curso mais curto. Além disso tens já várias cadeiras da Faculdade de Ciências, de que te darão provàvelmente equiparação. Nós lutamos com muitas dificuldades para recrutar bons assistentes, e tu, se tens gosto pela investigação científica, podias pensar em entrar para a Faculdade».

Fiquei a parafusar naquilo durante o resto da convalescença e quando saí do hospital fui procurar o Dr. PALHINHA e disse-lhe que estava resolvido a aceitar a sua sugestão.

Matriculei-me então na Faculdade de Ciências, de Lisboa. E no fim do segundo ano, depois de ter feito exame do grupo das cadeiras de Botânica com vinte valores, fui nomeado segundo assistente.

Naquele tempo, em 1917, os segundos assistentes tinham um vencimento mensal de vinte e cinco escudos, que, depois das deduções, ficavam reduzidos a 22$50!

O único laboratório que então havia na Botânica, era um compartimento, ao fundo de um corredor, com dois metros por quatro, uma janela, uma mesa de trabalho e um microscópio.

Apesar disso sentia-me inteiramente feliz.

Continuava a trabalhar no laboratório do Prof. CELESTINO DA COSTA, na Faculdade de Medicina. Tinha reduzido as minhas lições particulares ao mínimo indispensável para ganhar umas magras coroas, com que equilibrar o meu orçamento.

Fiz a licenciatura em biológicas em quatro anos, com relativa facilidade. Já tinha, quando me matriculei na Facul-

---

(1) Laboratório de Botânica, Universidade de Lourenço Marques, Moçambique, Portugal.

dade de Ciências, seis anos de estudos superiores, três em Coimbra e outros três na Faculdade de Medicina de Lisboa.

Foi um período de actividade febril. Aprendia no laboratório de CELESTINO DA COSTA, magnìficamente apetrechado, as técnicas mais modernas de citologia e histologia, que procurava depois aplicar aos estudos de Botânica. Fui eu que mostrei, pela primeira vez, cromossomas de plantas, aos meus professores, PEREIRA COUTINHO e PALHINHA.

PEREIRA COUTINHO — o D. ANTÓNIO, como todos o tratavam — era um grande Mestre. Não ensinava senão aquilo que sabia a fundo, sistemática de plantas vasculares de Portugal. Mas nisso era inexcedível.

PALHINHA era outro género. Tinha sido professor do liceu durante muitos anos. Com uma excelente cultura geral, uma memória prodigiosa, falando com facilidade, e até com elegância, era um professor agradável e estimulante. Não fazia investigação científica. Não tinha tempo para isso. Era simultâneamente professor do liceu, professor da Escola Normal Superior, Secretário da Faculdade de Ciências, director da Faculdade de Farmácia e não sei que mais ainda! Andava constantemente num rodopio, a correr de um lado para o outro, para ganhar uns vinténs com que sustentar uma numerosa casa de família. Mas sabia despertar nos seus alunos a curiosidade e o interesse pela ciência que ensinava.

Na secção de Botânica da velha Faculdade de Ciências havia então uma agradável atmosfera de trabalho. Chefiava o departamento o velho D. ANTÓNIO, com mais de sessenta e cinco anos. Era um botânico da velha escola e uma nobilíssima figura de homem e de professor. Todos tinham por ele um respeito que era um misto de admiração e de ternura.

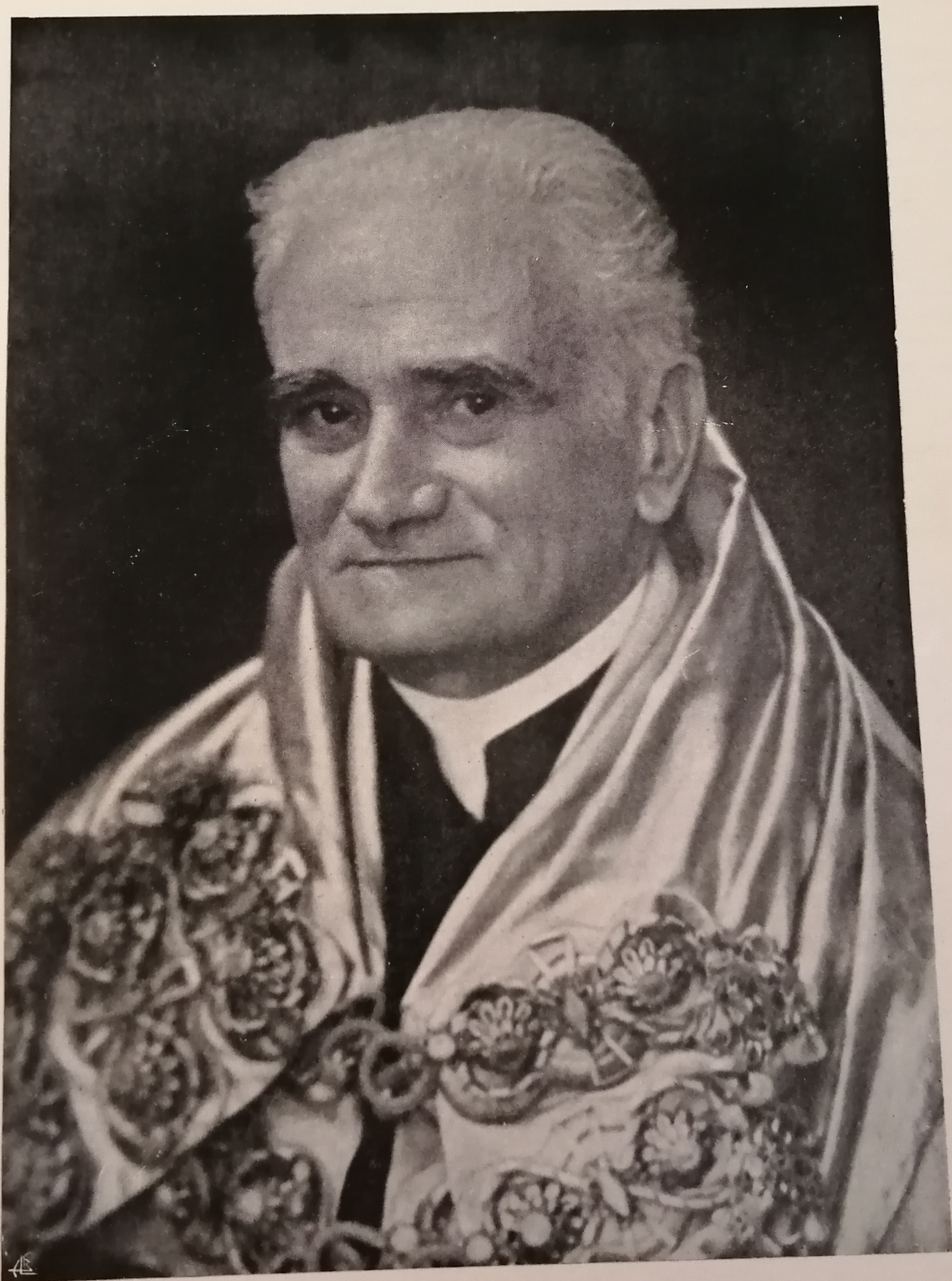
Recordo-me de um episódio curioso que mostra bem o respeito que todos lhe consagravam. O D. ANTÓNIO tinha o seu gabinete de um dos lados daqueles corredores da Faculdade, frios e ventosos de inverno. Do outro lado ficava o Herbário com as suas colecções. O D. ANTÓNIO estava a trabalhar na determinação de certas plantas e, de repente, precisava de consultar, para confronto, exemplares do Herbário. Levantava-se, abria a porta do seu gabinete, atravessava o ventoso corredor, abria a porta do Herbário e dizia ao Conservador: «Oh Mendes, mandem as pastas com os Narcissus». Depois voltava pelo mesmo caminho. Em cada sessão de trabalho tinha de atravessar assim aquele maldito corredor várias vezes.

Pensou então o Dr. PALHINHA que isto era violento e perigoso para um homem daquela idade. E no dia dos anos do D. ANTÓNIO preparou-lhe uma surpresa, com todo o carinho. Fomos todos dar-lhe os parabéns e o Dr. PALHINHA explicou: «O senhor D. ANTÓNIO tem aqui, em cima da sua mesa, um telefone interior, em ligação com a mesa do Conservador. Agora já não precisa de se levantar e atravessar estes terríveis corredores. Quando necessitar de qualquer coisa do Herbário basta levantar o telefone que uma campainha toca em cima da mesa do MENDES».

D. ANTÓNIO ouviu, sorriu e disse: «Ora, ora. Muito obrigado. Mas não era preciso estar-se a incomodar». E nunca se serviu do telefone! Continuou, como dantes a levantar-se e a atravessar o corredor de cada vez que precisava de qualquer pasta com plantas do Herbário!

Era um homem de outros tempos, mas que nos dava diàriamente exemplos de trabalho, de amor à ciência, de dignidade e de elegância moral. Na sua cadeira todos os estudantes trabalhavam com gosto. E até eu, com a minha falta de memória das formas e dos nomes e a minha incapacidade nata para estudos de sistemática, cheguei, no fim do curso, a reconhecer, à simples vista, quase todos os géneros de plantas vasculares de Portugal e muitas centenas de espécies!

O Dr. PALHINHA apesar de, nessa época, não fazer ainda investigação cien-

tífica, tinha vastos conhecimentos de muitos sectores da botânica, merecendo-lhe particular interesse os de botânica sistemática e ecologia. Conhecia bem a Flora de plantas vasculares de Portugal tanto no campo como no herbário. Possuía uma excelente cultura geral e de humanidades e fazia bonitas lições teóricas. Estimulava os seus alunos, despertava-lhes a curiosidade, aconselhava-lhes bibliografia. Reconhecendo que o tempo lhe faltava para a investigação, nem por isso deixava de incitar os seus alunos e colaboradores nesse campo, mostrando-se satisfeito sempre que algum singrava neste domínio e orgulhando-se dos seus progressos. A sua acção educativa exercia-se tanto nas conversas de todos os dias, como nas lições e nas excelentes aulas práticas que dava, em especial as de botânica sistemática.

Guardo desses quatro anos de convívio, com o Dr. PALHINHA e com o D. ANTÓNIO, de 1915 a 1919, as mais gratas recordações. Tendo nascido, como eu, nos Açores, na mesma ilha, na mesma cidade e até por coincidência, na mesma casa, tínhamos grandes afinidades. Era mais velho vinte e um anos do que eu, pois nascera em 1871. Mas a diferença de idades não tinha importância, pois o Dr. PALHINHA foi sempre, até ao fim da sua vida, um espírito jovem que se sentia bem na companhia de gente moça.

Vi-o em 1957, em Lisboa, pouco antes do acidente que foi causa da sua morte. Tinha ele então oitenta e seis anos mas conservava ainda o mesmo aspecto. Deslocando-se sem dificuldade, subindo escadas quase a correr como um rapaz, sorridente, malicioso e irreverente, como sempre, a sua conversa continuava a ter o mesmo *charme* especial.

Filho de uma família com parcos recursos, singrou com dificuldade na vida.

Foi educado por seu avô materno, JOSÉ TELES, homem culto e viajado, que exerceu grande influência sobre a sua formação intelectual, despertando-lhe a curiosidade e o espírito de observação.

Fez o liceu, até ao penúltimo ano, em Angra do Heroísmo e em Ponta Delgada.

Em 1886, veio para Lisboa e empregou-se nos Correios e Telégrafos, onde ficou durante um ano. Em 1888 completou o curso dos liceus, em Santarém, e matriculou-se na Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra. Nesse tempo, os preparatórios para a Faculdade de Medicina eram os três primeiros anos de Filosofia. Uma vez completados os preparatórios, morre-lhe o pai e, em vez de seguir Medicina, resolve acabar a formatura em Filosofia. Em 1892, termina o curso, no mesmo ano em que eu nasci, e em 1893 faz o acto de licenciatura. Em Coimbra, foi aluno de JÚLIO HENRIQUES, por quem guardou sempre alta consideração.

Durante dois anos, dedica-se ao ensino particular e, em 1895, quando abrem concursos de provas públicas para professores do liceu, concorre aos grupos de Química e Ciências Naturais, e de Física e Matemática. Foi o único candidato aprovado no primeiro destes grupos e desistiu do segundo. É então nomeado professor do liceu de Santarém.

Em 1900, é transferido para Lisboa, onde permanece até 1926, data em que deixa definitivamente o ensino secundário.

Foi um excelente professor de ciências naturais, introduzindo e dando grande desenvolvimento aos trabalhos práticos. Durante os trinta e um anos que foi professor do liceu, passaram-lhe pelas mãos milhares de estudantes, unânimes, todos eles, em afirmar as altas qualidades pedagógicas do Dr. PALHINHA.

Em 1904, abre-se concurso de provas públicas para lente substituto da cadeira de Botânica da Escola Politécnica. O lente catedrático é o D. ANTÓNIO. PALHINHA apresenta-se como candidato. Há mais dois concorrentes, um engenheiro agrónomo e o outro bacharel em Filosofia.

Entre as provas do concurso há uma tese original sobre assunto da especia-

lidade. PALHINHA vai então pedir ao seu antigo professor de Botânica, em Coimbra, que lhe aconselhe um assunto. JÚLIO HENRIQUES sugere-lhe o estudo sistemático das Saxifragas do herbário do Instituto Botânico de Coimbra.

Realizado o concurso PALHINHA fica classificado em primeiro lugar e é nomeado lente substituto, em Dezembro de 1904.

Começa agora uma vida nova para PALHINHA, sob a competentíssima direcção de PEREIRA COUTINHO. Até então havia sido um excelente professor no liceu. Era preciso agora ensinar, na Universidade e por consequência, aprender uma *especialidade*. PALHINHA começa a interessar-se pelas herborizações e dentro de poucos anos conhece já, bastante bem, a flora vascular de Portugal e a sua distribuição pelo país. Sem ter sido pròpriamente um investigador, por ser obrigado, pelas circunstâncias especiais da sua vida, a dispersar a atenção por milhentas actividades, conseguiu, ser um excelente professor de ensino superior, segundo os moldes adoptados naquela época.

Foi durante muitos anos Secretário da Escola Politécnica e depois da Faculdade de Ciências de Lisboa. Também exerceu, durante muito tempo o cargo de Director da Biblioteca da Escola Politécnica e de Bibliotecário da Faculdade de Ciências de Lisboa.

Foi eleito director da Faculdade de Farmácia de Lisboa mas pediu a demissão do cargo em 1926, para se licenciar em Farmácia, aos cinquenta e cinco anos! Concluído o curso, foi convidado a exercer por contrato o cargo de professor da Faculdade de Farmácia, que ocupou até 1932.

Foi também Professor e Director da Escola Normal Superior de Lisboa.

Como Professor da Escola Normal, tomou parte no júri dos Exames de Estado, para professores do liceu, que me examinou em 1921 e como professor da Faculdade de Ciências fez parte dos júris do meu doutoramento e do meu concurso, para Professor Catedrático de Botânica, em 1926.

Em todas estas provas argumentou com a inteligência, o brilho e o grande espírito crítico, característicos da sua alta personalidade. Era sócio efectivo da Academia de Ciências de Lisboa, membro de várias sociedades científicas nacionais e estrangeiras.

*

* *

Até a data da sua jubilação em 1941 pouco publica, embora nunca tivesse deixado de fazer experiências, sobretudo, de fisiologia vegetal.

Em 1937, consegue convencer PEREIRA COUTINHO a publicar uma 2.ª edição da sua «Flora de Portugal».

PEREIRA COUTINHO tem nessa altura oitenta e seis anos e sente-se muito velho e fraco para meter ombros a tamanha empresa.

Como a primeira edição é de 1913, uma segunda edição requeria a incorporação de tudo o que se descobrira nos últimos vinte e cinco anos em matéria de plantas vasculares portuguesas.

PEREIRA COUTINHO só consente nessa segunda edição se o Dr. PALHINHA se comprometer a encarregar-se de todo o trabalho material, com exclusão apenas da revisão das últimas provas de página.

É um trabalho colossal, pois implica não só a actualização da Flora «incluindo-lhe, diz D. ANTÓNIO, as adições e correcções do *Suplemento* (onde estão dispostas em ordem natural as sucessivas *Notas* com que procurei manter mais ou menos em dia a Flora), aproveitando ainda algumas das correcções publicadas ùltimamente na 2.ª edição da minha *Flora Lenhosa*, bem como poucas outras que conservava inéditas». E acrescenta «que a solução proposta só entraria em execução desde que ele, Dr. R. PALHINHA, quisesse tomar a seu cargo dirigir essa 2.ª edição, procurando alcançar os meios necessários para a impressão tão avultada (com a declaração de que eu pres-

cindia de direitos de autor), tratando com a imprensa, bem como da preparação do original sobre as bases combinadas e por último da revisão das provas, comprometendo-me eu apenas a rever as provas de página, enquanto o puder fazer». Nessa mesma carta lealmente o avisava de que, «como por experiência própria o sabia, o encargo era pesadíssimo, pois que essas revisões, referências de página, índices, etc., demandam muito cuidado, levam muito tempo e requerem muita paciência».

Continuando PEREIRA COUTINHO diz ainda: «Da maneira como a disposição do original e a revisão foram feitas dá claro testemunho o texto apresentado agora ao público: foi sem dúvida um trabalho de inexcedível paciência e proficiência; mas ainda há mais a acrescentar: deve-se ao Doutor R. PALHINHA a acentuação dos termos latinos, a exemplo do que se encontra em várias *Floras* estrangeiras, com o fim de obter pronúncia correcta desses vocábulos; como se lhe deve ainda a actualização de várias denominações botânicas que me sugeriu e eu aqui, imobilizado e longe das modernas publicações da especialidade, não poderia ter feito».

Enfim, em 1939 aparece a 2.ª edição da «Flora de Portugal», já hoje esgotada também, em que figuram associados o nome do autor e o do Professor PALHINHA, que tornou possível a publicação dessa obra monumental.

Foi atingido pelo limite de idade a 4 de Janeiro de 1941, e fez a sua última lição no dia 20 de Dezembro de 1940. Para essa lição juntou-se uma tão grande multidão, de alunos, antigos alunos, amigos e admiradores, que não pôde ser realizada na sala de aula da Botânica e teve de se recorrer ao grande anfiteatro da Química, mesmo assim insuficiente para conter todos os que queriam homenagear o mestre de tantas gerações!

PALHINHA escolheu para assunto dessa lição um tema original — distribuição dos endemismos portugueses — e fez na verdade uma magnífica conferência, que os seus assistentes e colaboradores publicaram como homenagem ao seu mestre.

PALHINHA ficou tão comovido perante esta imensa multidão de amigos e admiradores que, ao entrar na sala, teve de esperar uns minutos antes de poder pronunciar as primeiras palavras!

Depois de atingir o limite de idade conserva o seu gabinete de trabalho na Faculdade e aí passa a maior parte do seu tempo. É então que começa verdadeiramente a publicar trabalho original de investigação. Experiências e observações de fisiologia e o estudo e inventariação da flora dos Açores. Organiza com os parcos recursos de que dispõe, várias expedições botânicas ao arquipélago, em algumas das quais toma parte, e publica uma série de valiosos trabalhos sobre a flora dos Açores.

Mas a sua grande ambição é publicar uma obra de conjunto sobre as plantas vasculares do arquipélago. Nesse empreendimento gasta o resto das suas energias, mas a falta progressiva da vista impede-o de o publicar. Solicita então a colaboração do seu colega e amigo PINTO DA SILVA, Investigador da Estação Agronómica Nacional, que carinhosamente acode ao velho mestre, actualiza a nomenclatura e dá-lhe forma definitiva para publicação.

Não teve PALHINHA o prazer de o ver publicado porque um estúpido acidente de viação, dos muitos que acontecem nas ruas de Lisboa, veio abreviar a sua existência.

O trabalho só é publicado depois da sua morte com o título «Catálogo das Plantas Vasculares dos Açores» e tem sido imensamente apreciado pelos especialistas.

Da extensa bibliografia que deixou, podem distinguir-se os seguintes aspectos:

1.º — Trabalhos pròpriamente científicos — «O estudo sobre Saxifragas do herbário do Jardim Botânico de Coimbra», os trabalhos sobre a flora dos Açores, «Distribuição dos endemismos portugueses» e algumas notas sobre pro-

blemas e observações de fisiologia vegetal. Em colaboração com o Dr. GONÇALVES DA CUNHA publicou, para uso dos alunos, as suas lições de Botânica na Faculdade.

2.º — Biografias — de botânicos: BROTERO, conde de FICALHO, JÚLIO HENRIQUES, PEREIRA COUTINHO, LUÍS CARRISSO, DOMINGOS VANDELLI; de zoólogos — ANTERO DE SEABRA; de professores e amigos — QUEIROZ VELOSO.

3.º — Artigos históricos, de vulgarização científica, em defesa da conservação da natureza e outros.

São notáveis algumas das suas biografias, quer pela forma literária, quer pelo respeito que revelam pela grandeza científica ou moral dos biografados. Os perseguidos, os incompreendidos pelo seu tempo, sempre lhe merecem uma simpatia muito especial.

Dos seus numerosíssimos discípulos e antigos alunos, espalhados por todo o espaço português, é-me particularmente grato recordar aqui um, a doutora SEOMARA DA COSTA PRIMO, minha colega muito querida nos quatro anos de curso, um dos mais notáveis professores de ensino secundário que tivemos e um excelente assistente e professor da Universidade.

Nestas festas do centenário do nascimento de PALHINHA recordo com imensa saudade os cinquenta anos de convívio com ele e o muito que lhe fiquei devendo, no meu destino científico e na minha formação intelectual.